

## O PAPEL DAS BRINCADEIRAS COMO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CULTURA INFANTIL

**Karollainy Dantas Sousa<sup>1</sup>**; Claudia Rodrigues de Albuquerque<sup>2</sup>; Zildene Francisca Pereira<sup>3</sup>; Edinaura Almeida de Araújo<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras/PB, Brasil. E-mail: [karollainy.dantas@estudante.ufcg.edu.br](mailto:karollainy.dantas@estudante.ufcg.edu.br)

<sup>2</sup>Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras/PB, Brasil. E-mail: [claudiaalbuquerque12.3@gmail.com](mailto:claudiaalbuquerque12.3@gmail.com)

<sup>3</sup>Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Docente da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras/PB, Brasil. E-mail: [denafran@yahoo.com.br](mailto:denafran@yahoo.com.br)

<sup>4</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Docente da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cajazeiras/PB, Brasil. E-mail: [edinaura.almeida@professor.ufcg.edu.br](mailto:edinaura.almeida@professor.ufcg.edu.br)

### 1. Introdução

A infância, compreendida como uma construção histórica, social e cultural, assume diferentes significados ao longo do tempo, sendo atravessada por transformações que influenciam diretamente as formas de viver, sentir e experienciar esse período da vida. Na contemporaneidade, os estudos da Sociologia da Infância têm contribuído para reconhecer a criança como sujeito ativo, produtor de cultura e participante das relações sociais, superando concepções tradicionais que a colocavam em posição passiva no processo de desenvolvimento. Nesse cenário, torna-se fundamental compreender as práticas que constituem as experiências infantis, dentre as quais se destaca a brincadeira.

O brincar, enquanto prática social e cultural, ocupa lugar central na constituição da cultura infantil, pois é por meio dele que as crianças expressam sentimentos, constroem significados e interpretam o mundo que as cerca. De acordo com Borba (2006), a brincadeira deve ser entendida como experiência de cultura, uma vez que possibilita à criança ressignificar suas vivências e produzir novos sentidos a partir de suas interações. Nessa perspectiva, o brincar ultrapassa a dimensão do entretenimento, configurando-se como linguagem própria da infância e como espaço privilegiado de produção cultural.

Além disso, autores como Queiroz, Maciel e Branco (2006) destacam que a brincadeira favorece o desenvolvimento social, cognitivo e emocional, ao possibilitar a interação entre pares, a resolução de conflitos e a construção de conhecimentos. Sob a ótica histórico-cultural, Vygotsky (1987) enfatiza que o brincar está diretamente relacionado ao desenvolvimento da imaginação e da atividade criadora, permitindo à criança atuar em níveis mais elevados de desenvolvimento por meio das interações sociais e do faz-de-conta.

Nesse sentido, compreender o papel das brincadeiras na contemporaneidade implica reconhecer as transformações históricas, sociais e culturais que marcaram a concepção de infância, bem como os avanços no reconhecimento da criança como sujeito de direitos. Assim,

este estudo tem como objetivo geral analisar as transformações históricas, sociais e culturais relacionadas à concepção de infância na contemporaneidade. Como objetivos específicos, busca compreender como a infância era vivida e percebida nas classes populares ao longo do século XX e investigar as mudanças que contribuíram para a garantia dos direitos das crianças, articulando tais aspectos à compreensão do brincar como elemento constitutivo da cultura infantil.

## 2. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa, com caráter bibliográfico, fundamentada em autores que discutem a infância, o brincar e a cultura infantil, como Borba (2006), Vygotsky (1987), Queiroz, Maciel e Branco (2006). A investigação buscou compreender o papel das brincadeiras como elementos constitutivos da cultura infantil e do desenvolvimento humano.

Foram analisados, ainda, documentos legais que orientam a Educação Infantil no Brasil, como a Constituição Federal (1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a fim de compreender como o direito ao brincar é reconhecido e assegurado no contexto das políticas educacionais.

No que se refere aos critérios de busca das referências, adotou-se o uso de operadores booleanos como estratégia para sistematizar e refinar o levantamento bibliográfico, utilizando combinações como “brincadeiras” AND “cultura infantil” OR “ludicidade” AND “educação infantil”, com o objetivo de localizar produções que abordassem o brincar como prática social e cultural no desenvolvimento das crianças.

As buscas foram realizadas nas bases de dados Google Acadêmico e SciELO, por se tratarem de repositórios amplamente reconhecidos no meio acadêmico. Como palavras-chave, utilizaram-se os termos “brincadeiras”, “cultura infantil”, “ludicidade”, “infância” e “desenvolvimento infantil”, garantindo a seleção de estudos coerentes com os objetivos da pesquisa.

## 3. O papel das brincadeiras como elementos constitutivos da cultura infantil

Inicialmente, compreender a infância a partir de uma perspectiva histórica e social exige reconhecer a brincadeira como elemento constitutivo da cultura infantil e do desenvolvimento humano. O brincar não pode ser entendido apenas como atividade espontânea ou recreativa, mas como uma prática social por meio da qual as crianças constroem sentidos, estabelecem relações e interpretam o mundo que as cerca. Dessa forma, a brincadeira se apresenta como linguagem própria da infância e como espaço privilegiado de produção cultural.

Nesse sentido, Borba (2006) compreende a brincadeira como experiência de cultura, uma vez que, ao brincar, a criança expressa, comunica e reelabora suas vivências, reconhecendo-se como sujeito pertencente a um grupo social e a um contexto cultural específico. Para a autora, o brincar possibilita a constituição de valores, habilidades, conhecimentos e formas de participação social, sendo, portanto, fundamental para a formação da criança enquanto sujeito histórico e social.

Além disso, Borba (2006) afirma que a brincadeira é, em si mesma, um fenômeno cultural, pois se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados historicamente. Ao mesmo tempo, o brincar atua como prática cultural viva, que cria e transforma significados sobre o mundo. Essa dupla dimensão faz com que a brincadeira seja compreendida tanto como patrimônio cultural transmitido entre

gerações quanto como ação criadora que reinventa a cultura no cotidiano das interações infantis.

Nessa mesma perspectiva, Queiroz, Maciel e Branco (2006) destacam que a brincadeira desempenha papel central no desenvolvimento infantil por favorecer a interação entre pares, a resolução de conflitos e a construção de significados sobre a realidade. As autoras ressaltam que o brincar possibilita à criança vivenciar o lúdico, desenvolver capacidades cognitivas e emocionais e participar ativamente das práticas sociais, reforçando seu caráter formativo e cultural.

Do ponto de vista sociocultural, Lev Vygotsky (1987) compreende o brincar como atividade fundamental para o desenvolvimento da imaginação e da atividade criadora da criança. Para o autor, a imaginação não surge do nada, mas se constrói, a partir das experiências vividas, sendo constantemente alimentada pelas interações sociais e pelas referências culturais do meio. Assim, ao brincar, a criança flexibiliza os significados dos objetos e das situações, criando novos planos de ação e compreensão da realidade.

Vygotsky(1987) também destaca que, no contexto do faz-de-conta, a criança atua em um nível de desenvolvimento superior ao que manifesta em situações cotidianas, aproximando-se daquilo que o autor denomina de zona de desenvolvimento proximal. No brincar, ela aprende a seguir regras, controlar impulsos e agir de acordo com significados compartilhados socialmente, antecipando comportamentos e internalizando normas culturais. Dessa maneira, a brincadeira contribui não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para a formação da autorregulação e da consciência social.

Articulando essas ideias, Borba (2006) destaca que, no brincar, as crianças se descolam da realidade imediata e transitam por outros tempos, espaços e papéis sociais. Objetos simples se transformam em brinquedos, personagens e cenários, permitindo que o mundo seja reorganizado segundo novas lógicas. Esse processo possibilita à criança olhar para si mesma e para o mundo sob diferentes perspectivas, ampliando suas formas de compreensão e ação.

Além disso, a brincadeira de faz-de-conta ocupa lugar central na constituição das culturas da infância. Borba (2006) ressalta que, ao assumir papéis sociais e criar narrativas imaginárias, as crianças negociam regras, compartilham significados e constroem coletivamente formas de convivência. Nesse contexto, o brincar contribui para o desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da capacidade de participar ativamente da vida social.

É importante destacar que as culturas infantis não são meras reproduções da cultura adulta. Conforme discutem estudos contemporâneos da sociologia da infância, as crianças reinterpretam, transformam e recriam elementos do universo adulto em suas brincadeiras, produzindo sentidos próprios. Assim, ao brincar de casinha, escola ou trabalho, por exemplo, não estão, apenas, imitando papéis sociais, mas elaborando criticamente as experiências que vivenciam, revelando percepções, conflitos e expectativas sobre o mundo social.

Do mesmo modo, Vygotsky (1987) aponta que a imaginação mobilizada no brincar permite à criança recombinar elementos da realidade, produzindo o novo, a partir do já vivido. Esse processo envolve memória, experiência e fantasia, possibilitando a criação de sentidos que não se limitam à reprodução do cotidiano. Assim, o brincar se configura como espaço protegido, no qual a criança pode experimentar papéis, emoções e situações diversas, sem as exigências e consequências da vida adulta.

Na contemporaneidade, as transformações tecnológicas também impactam as formas de brincar, introduzindo jogos digitais, mídias interativas e novas linguagens no universo infantil. Contudo, mesmo diante dessas mudanças, permanece a dimensão simbólica do brincar como espaço de criação e interação. O desafio atual consiste em compreender como as brincadeiras tradicionais e as novas formas mediadas pela tecnologia coexistem e

influenciam a constituição das culturas da infância, exigindo da escola e da família uma postura crítica e equilibrada frente às novas experiências lúdicas.

No âmbito das práticas pedagógicas, reconhecer a brincadeira como experiência de cultura implica repensar o cotidiano da Educação Infantil. Borba (2006) problematiza o fato de que, frequentemente, o brincar é restrito a tempos e espaços específicos, sendo tratado como atividade secundária ou como simples recurso didático. Para a autora, é fundamental garantir que a brincadeira esteja integrada ao cotidiano escolar, possibilitando às crianças imaginar, criar, estabelecer vínculos e construir suas próprias culturas.

#### 4. Conclusão

O estudo evidencia que as brincadeiras ocupam papel central na constituição da cultura infantil, pois o brincar se configura como prática social e cultural no desenvolvimento das crianças. As brincadeiras contribuem para o desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e a criança se constitui como sujeito ativo, produtor de cultura e participante das relações sociais, sendo assim, o brincar se apresenta como linguagem própria da infância. A brincadeira se consolida como expressão das culturas infantis em diferentes contextos históricos e sociais. A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente reconhecem a criança como sujeito de direitos, esses documentos asseguram o direito ao brincar como dimensão do desenvolvimento infantil e a valorização das brincadeiras se mostra fundamental para a compreensão da infância.

**Palavras-chave:** Infância; Ludicidade; Desenvolvimento infantil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, Angela Meyer. **A brincadeira como experiência de cultura.** In: BRASIL. O cotidiano na Educação Infantil. Boletim 23. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. **Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista.** Paidéia, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A imaginação e a arte na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.